ção própria, directamente do grego, com a preocupação de maior rigor, especialmente importante para o tratamento semiótico, embora com o sacrifício de menor beleza literária. Bem assim explica que a bibliografia final se limita à utilizada nos dois volumes do livro (vol. II, pp. 235-242), a que acresce a bibliografia de Jean Delorme (243-255) e dela própria (257-260).

Jorge Coutinho

Sousa, Mário José Rodrigues de, **«Para que também vós acrediteis». Estudo exegético-teológico de Jo 19, 31-37**, col. «Tesi gregoriana – Serie Teologia» 174, Editrice Pontificia Università Gregoriana, Roma, 2009, 400 p., 240 x 170, ISBN 978-88-7839-150-5.

O livro que aqui se apresenta contém o texto da tese de doutoramento em Teologia Bíblica apresentada pelo autor à Pontifícia Universidade Gregoriana. Toma como centro de análise exegética e de interpretação a perícopa constante do subtítulo, uma perícopa que refere a confirmação da morte de Jesus pelo trespasse da lança do soldado romano, tendo saído «sangue e água» do seu corpo, que assim é dado como «inquebrado». O evangelista assume-se como testemunha e, performativamente (no sentido de que fala Austin), assume o relato do facto com uma intenção: «para que também vós acrediteis» (19, 35). Mário Sousa, por sua vez, assume o facto de o corpo ser dado como inquebrado como elemento central nesta narração evangélica, distanciando-se de outros exegetas que o colocam na referência ao «sangue e água». Conjugando este dado com a intenção narrativa de João – «para que também vós acrediteis» – orienta então o seu discurso na direcção de um sentido mais amplo do facto apresentado: trata-se, em sua interpretação, de uma exortação à «inquebrantabilidade» da fé cristológica e, como fruto dela, à unidade eclesial, como forma de ter «a vida no seu nome».

O autor – sacerdote da diocese do Algarve e agora docente no ISET de Évora – não se detém na análise crítica dos estudos que fizeram interpretações divergentes da sua. Refere-os como tais e caracteriza-os como menos adequados a uma hermenêutica mais próxima da verdade bíblica, em breve síntese no início da sua Introdução (pp. 9-14). Dá-se, antes, quase de imediato, ao longo trabalho de justificar a sua tese: «o testemunho do Jo 19, 35 não se refere apenas à saída do "sangue e água", mas ao significado de todo o episódio: o sentido da morte de Jesus e do seu corpo "inquebrado" e trespassdo» (p. 14). Em seu modo de ver, só assim se respeita a centralidade dos factos e a leitura do «olhar» de fé que a testemunha ocular faz (*ibid*.).

A estruturação e a ordem dinâmica do discurso procuram seguir, conforme se explica Mário Sousa, o «método» do narrador: começa pela apresentação dos factos; estuda em seguida o significado dos mesmos à luz da tradição; finalmente, busca a finalidade e intenção da apresentação do episódio, com base no «testemunho verdadeiro» da testemunha ocular (cf. 15). Utiliza, para o efeito, sobretudo o método sincrónico e semântico; mas serve-se também do método diacrónico (no estudo das fontes vetero-testamentárias e sinópticas, sem excluir as joaninas); e ainda do método pragmático (na busca da intenção do narrador que provoca uma resposta do leitor). O texto acaba dividido em cinco capítulos.

No primeiro – «*O contexto e o texto*» – , de carácter basilar, o autor procura situar a perícopa estudada, primeiro no contexto global do evangelho de João; de seguida,

no contexto próximo (a última Páscoa e «o primeiro dia da semana») e imediato (o Calvário). Estuda a delimitação do texto, faz a sua crítica textual e procede à fixação do texto grego, dedicando-se, em seguida, à análise linguístico-sintáctica. Faz um estudo semântico preliminar, procurando «estabelecer os campos e as oposições semânticas […] que trazem à luz as linhas de significado, o andamento e o centro da perícopa» (15).

O segundo capítulo – «*Da vontade dos Judeus (destruição) à revelação do projecto de Deus (a vida)*» – explora a oposição destruição-morte / inquebrado-vida, procurando evidenciar a intenção do narrador, de apresentar a morte de Jesus como desígnio de Deus, que não dos judeus, que o viram «já morto». O mesmo narrador prepara assim o leitor para captar as consequências de «exaltação» e «glorificação» de Jesus, cuja morte se transforma em fonte de vida (nesta linha fazendo luz sobre o significado do «sangue e água»).

O capítulo terceiro – «*O cumprimento de toda a Escritura*» – estuda as citações de Jo 19, 36-37 retiradas pelo evangelista do AT. Utilizando a teoria dos «espaços mentais» de Fauconnier, o autor procura identificar, quanto possível, essas citações não completamente identificáveis, mas em que, antes, se fundem imagens, símbolos e metáforas que apontam para uma «cristificação» do anunciado no AT, em consonância com a teologia joanina.

O quarto capítulo – «*"Ver" o corpo-Templo do Cordeiro "inquebrado" e "trespassado": sinfonia apoteótica da história da salvação*» – irá servir, exactamente, para esboçar o que o autor chama a imagem-fusão em que confluem múltiplas imagens, conforme o capítulo anterior. E tal é a do «corpo-Templo de Jesus, "inquebrado" e traspassado, como a sinfonia apoteótica da história da salvação (a revelação plena e a salvação do homem)» (17). É um pequeno pormenor, mas parece-me que talvez fosse mais rigoroso, no plano da expressão linguística, dizer «a apoteose da sinfonia da história da salvação». Sinfonia, afinal, parece ser a totalidade da história salvífica, constituindo esta perícopa uma espécie de último andamento, que seria, exactamente, o da apoteose final.

Todo o discurso precedente se orienta, naturalmente, para o quinto e último capítulo: «*Exortação à "inquebrantabilidade" da fé, recebida pelo "testemunho verdadeiro" (19, 35*». Mário Sousa extrai agora o sentido mais pleno das palavras do evangelista: «para que também vós acrediteis», palavras que estão no título do seu livro. Seguindo o método semântico e pragmático, explora estas palavras de João como um convite ou provocação ao aprofundamento da fé no Cristo morto e ressuscitado com a compreensão do sinal que lhes é dado no seu corpo-Templo inquebrado: é a essa fé inquebrantável, como condição para uma verdadeira salvação e uma verdadeira integração na Igreja, que os leitores daquele sinal são convidados.

O estudo de Mário Sousa parece-nos, científica e tecnicamente, muito bem conduzido: com um minucioso trabalho analítico, em rigor de análise linguística e exegética, e com grande vigor de interpretação das diversas linguagens ou dos diferentes sinais, desvelando ocultos sentidos novos, na direcção do global sentido novo que é o da totalidade do texto ou deste como obra. Procura fundamentar bem tudo quanto vai afirmando e expondo. Aos biblistas se deixa quer o proveito da sua leitura atenta quer a apreciação mais rigorosamente crítica do seu valor científico, no plano dos estudos bíblicos e teológicos.

O livro contém, como é próprio de obras deste género, uma extensa bibliografia (355-384). E ainda um, sempre útil, índice de autores.

Jorge Coutinho